CAMINHOS ESTÉTICOS PERCORRIDOS POR PROFESSORES EM FORMAÇÃO: REMEMORAR, REFLETIR E TRANSFORMAR-SE

Monique de França Peixoto da Silva
UFF
mfpeixotos@gmail.com

Introdução: o contexto de uma pesquisa

Este artigo é fruto do trabalho realizado durante meu percurso como bolsista de Iniciação Científica, na Universidade Federal Fluminense - UFF, inserida no projeto de pesquisa intitulado "Espaços de formação docente: memórias e narrativas estéticas". Este projeto de pesquisa teve por objetivo reconhecer, nos percursos biográficos de estudantes de Pedagogia, caminhos e marcas de sua formação estética. Recorrendo à produção de memoriais de formação, compreendidos como registros das histórias de vida, fertilizados pela ação do rememorar (PASSEGGI, 2008), buscou identificar e analisar tempos e espaços de formação das sensibilidades dos futuros professores. A direção teórico-metodológica assumida conduziu à problematização da contribuição da formação escolar e universitária para os processos formativos estéticos e para os repertórios artístico-culturais dos licenciandos-sujeitos da pesquisa. A pesquisa de iniciação científica aqui referida, integra uma pesquisa maior, de caráter interinstitucional, que vem sendo desenvolvida colaborativamente entre professoras da Faculdade de Educação da UFF e da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG (OSTETTO; BERNARDES, 2016).

A investigação parte do princípio que professores são mediadores culturais e podem contribuir decisivamente para os processos de refinamento da sensibilidade estética, de potencialização das linguagens expressivas e de ampliação dos repertórios artístico-culturais das crianças na escola. Sendo assim, os objetivos que guiaram a pesquisa são: a) Analisar proximidades e discrepâncias nos caminhos de formação estética trilhados por estudantes de Arte e de Pedagogia, apontados em seus memoriais de formação; b) Problematizar a contribuição da formação escolar e universitária nos percursos biográficos dos licenciandos-sujeitos da pesquisa; c) Identificar, nos registros

das histórias de vida fertilizados pela ação do rememorar, tempos e espaços de formação estética, recorrentes e mais significativos; d) Discutir possibilidades investigativo-formativas do "ateliê biográfico de projeto" (DELORY-MOMBERGER, 2006).

O projeto de investigação desenvolveu-se por meio de encontros-ateliês realizados com estudantes do Curso de Pedagogia da UFF e do Curso de Artes da UFMG. Contudo, o presente trabalho tratará dos dados produzidos a partir de atividades desenvolvidas com os estudantes de Pedagogia da UFF, as quais foram acompanhadas pela bolsista. Participaram da pesquisa 29 estudantes de Pedagogia da UFF, os quais concordaram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, respondendo dessa forma às exigências éticas.

Percurso metodológico

Compreende-se a dimensão estética como aquilo que conecta (VECCHI, 2013), que atravessa nossa existência, que vai possibilitando a apropriação, o desenvolvimento e o refinamento da sensibilidade ao longo da vida, pelas vias da cognição e do afeto, sempre no encontro com o outro. "Seja em palavras, seja em imagens, a estética do cotidiano, da vida diária, dialoga com as diferentes maneiras de ser e de estar no mundo, com as individualidades, as diferenças, os gostos, as percepções e os interesses." (OSTETTO; BERNARDES, 2019, p. 175) e, nesse campo de compreensão, a pesquisa procurou histórias de formação estéticas, contadas em narrativas de formação.

Para chegar às narrativas dos professores em formação, no caso os estudantes de Pedagogia, a pesquisa inspirou-se teórico-metodologicamente na dinâmica constitutiva do "ateliê biográfico de projeto", compreendido como um procedimento que:

> inscreve a história de vida em uma dinâmica prospectiva que liga o passado, o presente e o futuro do sujeito e visa fazer emergir o seu projeto pessoal, considerando a dimensão do relato como construção da experiência do sujeito e da história de vida como espaço de mudança aberto ao projeto de si (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.359).

A proposta formulada pela referida autora contribui para a constituição de um percurso metodológico que ilumina as dimensões experienciais e formativas inerentes aos percursos de vida-formação, pois abre espaço para narrativas que se articulam entre memórias, lembranças, esquecimento e experiência. Os discursos da memória, que revelam aspectos formativos constitutivos de subjetividades e identidades docentes,

transformam-se em importantes chaves para a reflexão e redimensionamento da prática docente: as narrativas de percursos pessoais, que contam histórias do vivido, são acessadas por meio do pensar sobre si, e podem conduzir à tomada de consciência de si. Na apresentação de si mesmo por meio do relato, o indivíduo se faz intérprete dele mesmo:

> [...] ele explicita as etapas e os campos temáticos de sua própria construção biográfica. Ele também é intérprete do mundo histórico e social que é o dele: ele constrói figuras, representações, valores [...], considerando que é no relato que ele faz suas experiências de que o sujeito produz categorizações que lhe permitem apropriar-se do mundo social e nele definir seu lugar (DELORY-MOMBERGER, 2006, p.369).

É importante parar para pensar nas experiências vividas, pois esse ato de rememorar e refletir o percurso pessoal contribui para identificar saberes e fazeres que constituem a pessoa e, assim, ajuda a dar visibilidade aos tantos e particulares fios de histórias que se entrelaçam em trajetórias profissionais/formativas. Por meio do exercício da memória, o passado é revisitado e no encontro com suas marcas oferece elementos para a compreensão do percurso que se mostra no presente e, desta forma, direciona-se para novos projetos de futuro.

Como fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa, também foram incorporados princípios de uma "pedagogia da autonomia" (FREIRE, 2004), que assinala a dialogicidade como elemento fundante de relações pedagógicas que sustentam o trabalho formativo-educativo na escuta atenta, no acolhimento às diferenças e na participação. Aspectos teórico-práticos dos ateliês de arte igualmente apoiaram a dinâmica dos encontros-ateliês, então projetados como espaço de produção de dados biográficos. (OSTETTO; BERNARDES, 2019).

Dentro da proposta metodológica adotada, os dados foram produzidos em quatro etapas, chamadas de movimentos: 1) Movimento inicial: ativação das memórias, pergunta-provocação-formulação oral: "o que você poderia dizer sobre seu encontro com a arte"?; 2) Segundo movimento: Vivências corporais e produção de atividades plástico-pictóricas, pressupondo a imersão nas histórias vividas – por onde se deu a formação do olhar, do sensível, do estético?; 3) Terceiro movimento: Exercício-esboço de escrita de si, projeto de memorial de formação, conduzido pela questão – "Que experiências estéticas me constituíram?"; 4) Movimento síntese: A narrativa de si, o

memorial de formação estética, materializado no "Diário poético das miudezas". (OSTETTO; BERNARDES, 2019).

O trabalho como bolsista de iniciação científica envolveu a participação nos encontros-ateliês, organização e tabulação dos dados e delineamento da análise de um específico material coletado: o memorial de formação estética, produzido pelos estudantes participantes, cujas narrativas, posteriormente, deram forma ao "Diário poético das miudezas".

Foram estabelecidos eixos analíticos para tal tabulação, formulados ao modo de questionamentos, abrindo-se ao diálogo com as narrativas produzidas: Os estudantes relatam experiências que envolvam dança, música, teatro, museus, literatura, natureza, outras? Os estudantes relatam experiências de arte/com arte que envolvam sua família ou a escola? Em caso afirmativo, quais? Orientada por essas questões-chaves de leitura, um quadro-síntese foi produzido. Além desta tabulação, um segundo quadro foi criado, agora focando nas narrativas dos estudantes sobre o contato ou falta de contato com a arte e sobre experiências culturais no decorrer de sua trajetória de formação, dentro e fora da escola.

Na etapa que se seguiu, juntamente com a orientadora/coordenadora do projeto, foram feitas análises quanti-qualitativas das informações previamente tabuladas. Para tanto, procedeu-se à redução dos dados, reorganizando-os em categorias que permitissem analisar quais experiências mais se destacavam nos percursos dos estudantes. Observou-se: Quantos tiveram experiências com dança, teatro, música, museus, natureza, literatura ou outras, relacionadas à formação das sensibilidades? Quais foram essas experiências? Onde e quando estas experiências aconteceram? Quais gêneros de dança, música, leituras aparecem em suas narrativas? Destes quadros surgiram dados quantitativos que foram assim sistematizados em novos quadros para análise. Através deles foi possível perceber com maior minúcia como, onde, quando ocorreram atividades importantes que formaram esteticamente estes estudantes no decorrer de suas histórias de vida.

Nas narrativas, histórias e projetos se mostram

Os dados da pesquisa apontam que os encontros-ateliês e suas propostas, que envolviam o contato com materiais expressivos, abriram espaço para que fossem puxados fios de memórias, permitiram aos sujeitos (no caso, estudantes de Pedagogia) o exercício de reflexão sobre as dimensões estéticas, artísticas e brincantes que compõem

suas histórias de vida. As narrativas autobiográficas de formação estética surgem como uma forma dos estudantes não só contarem um pouco da sua história, como refletirem sobre ela, trazendo à consciência processos e experiências marcados nessa história para, então, ressignificá-los. Por meio da escrita narrativa reflexiva, tiveram a oportunidade de identificar momentos que se fizeram essenciais para a construção do seu eu sensível, através de linguagens tão inerentes à infância e do quão imprescindível se torna potencializar tais linguagens na prática educacional.

O brincar, o contato com a natureza, as relações familiares, as músicas, os sons, as viagens, aparecem de forma viva e saudosa, trazendo à tona a compreensão de como estes momentos moldaram quem são hoje, como pessoa, mas também como futuro profissional da educação. Assim, a cada fio puxado das belezas, dores e delícias de suas infâncias, de forma muitas vezes poéticas, os estudantes foram ao encontro de outros espaços que estão guardados dentro de si: revisitaram e aguçaram as crianças que ainda existem dentro de si mesmos, mas que facilmente são esquecidas.

> [...] as vezes me pego a pensar se não é tudo envolto pela dimensão estética quando somos crianças: acordar de manhã cedo no sítio do vovô, sentar ao lado dele e ver o sol nascer dentre aquele verde molhado do sereno da noite me inspirou a desenhar paisagens, muitas delas. As Onze Horas que tinham perto da casa do sítio me ensinavam a cuidar e entender a delicadeza das coisas, a fragilidade da vida. O cheiro do feijão da bisa me provocava (provoca até hoje, com o feijão da vovó) uma sensação de pertencimento. Tudo fazia parte do meu dia a dia, era normal e vivo (Memorial de formação estética, estudante Raquel).
>
> Quanto mais tempo vamos pensando nas nossas memórias, mais coisas incríveis vamos relembrando. Não me recordava de como eu era feliz naquele lugar pacato, onde nossa maior felicidade era aproveitar o dia, montando a piscina, limpando, pegando sol, inflando as bóias, correndo, chamando os amigos para aproveitar com a gente (Memorial de formação estética, estudante Gabriela).
>
> Meu pai era um verdadeiro profissional em contar histórias, ele sempre nos contava uma antes de dormir, sempre representando os personagens, imitando suas vozes e barulhos. Me lembro de brincarmos de João e Maria, onde eu era a Maria, minha irmã era o João e meu pai era a bruxa. É impossível esquecer a famosa risada da bruxa que ele sempre fazia e tirava da gente muitas gargalhadas. Acho que ele é minha maior inspiração quando hoje, conto histórias para as crianças (Memorial de formação estética, estudante Julia).

O processo de rememorar acontecimentos conduziu os participantes aos passados tempos da infância e, de lá, trouxe à superfície do papel a constatação do abandono das dimensões lúdicas e criativas, inerente à própria natureza humana. Como elas se perderam, quando, onde, por quê? As resposta a estas perguntas, debatidas

durante os encontros-ateliês, surgiram a partir da memória dos próprios estudantes, durante o percurso de escrita de si e não foram poucos os que falavam sobre como estas dimensões foram desaparecendo, sobretudo, por conta da sua inserção na vida escolar. Por exemplo:

> Quando na escola, minhas lembranças mais fortes são de ter sido padronizada: escreva nessa linha, pinte esse círculo, canetinhas apenas para contorno das formas... Pouco a pouco me vi enquadrada em um jeito específico de fazer as coisas. Quanto mais me afastava das coisas da terra, mais moldada pela escola eu era. (Memorial de formação estética, estudante Raquel).
> [...] com a entrada no ensino fundamental as experiências e experimentações com a arte foram se distanciando. Pois naquele momento já haviam outras "prioridades" em sala de aula, fazendo com que a arte fosse designada apenas para um tempo de um dia na semana. [...] a arte que era frequente e relaxante, tornou-se uma arte curta e às vezes entediante (Memorial de Formação estética, estudante Beatriz Maria).

Além disso, foi possível perceber o quanto as atividades na escola, que deveriam ser artísticas, estiveram voltadas não para a experimentação, expressão ou fruição, mas para apresentações para os pais, em especial, nas datas comemorativas.

> [...] recordo-me que todas as atividades propostas eram controladas, direcionadas, guiadas. Tinham um motivo por trás, era para servir para alguma coisa: mostrar para os pais. Além disso, apresentavam relação direta com datas comemorativas o que demonstra claramente que o planejamento nas duas instituições pré-escolares que passei era baseado em datas comemorativas (Memorial de formação estética, estudante Vitor).

Apesar disso, na análise das narrativas, observou-se a importante contribuição da escola para a ampliação do repertório artístico-cultural; a escola aparece nos memoriais como um espaço que proporcionou, para muitos estudantes, a primeira ida a espaços culturais, como museus, teatros, bibliotecas. Figuras de professores inspiradores que ampliavam esse gosto, contato, interesse pela arte e centros culturais, também aparecem nas narrativas. Outro dado bastante claro: como as experiências estéticas têm grande importância em outras instituições além da escolar, e como a presença (ou ausência) desses fazeres artísticos marca diferentes tipos de relação com a família, com amigos, vizinhos e instituições religiosas.

Notou-se também que, ao longo da pesquisa e nos memoriais produzidos, os estudantes participantes reafirmam a importância de refletir sobre sua história, de lembrar de suas experiências significadas ao longo da vida, para que possam ser professores que olhem, acolham e potencializem as linguagens expressivas das crianças

com as quais vão trabalhar; compreendem e reforçam que, para cuidar da formação estético-artística, da sensibilidade de seus alunos, é preciso cuidar da sua própria formação artístico-cultural. Afirmam, na escrita narrativo-reflexiva, que a ludicidade, o fazer a mão, o (re)despertar do seu eu-artístico, marcado pelo brincar e pela criação, não deveriam permanecer esquecidas, nas desbotadas lembranças da infância, mas que deveriam ser vivenciadas por eles, nos cursos de formação, para que futuramente pudessem ser professores inteiros, que libertam e ampliam as experiências estéticas de suas crianças. Esta perspectiva pode ser exemplificada na escrita de vários estudantes:

> [nesse processo, aprendi] quanto é fundamental possibilitar aos nossos futuros alunos o contato com a arte. Sem amarras, desenhos prontos, reprodução mecânica que educa o aluno somente para o mercado de trabalho, restringindo-os de pensar e agir com liberdade, criatividade e responsabilidade (Memorial de Formação estética, estudante Mariana).

> [...] o professor precisa estar sensível com o mundo a sua volta. Sua paixão por educação precisa estar atrelada em conhecer novos lugares, a perceber o lugar atual, um processo de desaceleração. Nesse mundo com pressa, o professor precisa desenvolver a sensibilidade para que assim seja capaz de auxiliar seus alunos a construírem sua sensibilidade ao mundo (Memorial de Formação estética, estudante Patrícia).

Outro destaque é para a Universidade: ao mesmo tempo em que foi destacada como uma instituição que incentivou seus estudantes a visitarem espaços culturais, ela também apareceu nas narrativas como um espaço que silencia o sujeito na sua dimensão estética, por meio dos padrões acadêmicos rígidos, que não deixa muito espaço para experimentar, errar, ser autor. As disciplinas que propiciaram o contato com a arte e o desenvolvimento da dimensão estética foram exceções.

As narrativas autobiográficas de formação estética foram um meio dos estudantes de Pedagogia poderem relatar e refletir sobre: quando, como, onde e porque formou-se a sua sensibilidade estética, ou, em outro sentido, quando, como, onde e porque ocorreu o processo de engessamento de seus corpos. Além disso, a reflexão através da escrita de si, assim como as discussões, as leituras e os fazeres no decorrer dos encontros-ateliês, fez com que os estudantes percebessem a importância de o professor cuidar primeiro do seu próprio despertar (ou seria redespertar?) estético, antes de partir para esta busca nas crianças.

Na Resolução Nº 5 do Conselho Nacional de Educação, que fala sobre princípios e diretrizes para Educação Infantil (campo de maior interesse dessa pesquisa), encontramos como um dos princípios o estético, que diz respeito à sensibilidade, à

criatividade, à ludicidade e à "liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais" (BRASIL, 2009). Ou seja, a sensibilidade é um dos princípios para a formação do sujeito-criança, sendo a experiência com a cultura, a arte e suas manifestações, um canal importante para a garantia desse princípio. Mas, onde está a sensibilidade estética do professor? Qual sua bagagem, seu repertório artístico-cultural?

É nesse contexto que concluímos: para que o professor possa trabalhar de forma sensibilizadora precisa, primeiro, estar ele próprio sensibilizado e preocupado em fazer, encontrar e experienciar arte em diferentes formas, dimensões, locais.

A dimensão acadêmica e teórica na Pedagogia é de extrema importância, mas não pode nem deve estar presente ao ponto de impedir que os futuros professores tenham contato com sua criatividade, com sua expressão. Não foi raro aparecerem textos de narrativas estéticas com uma escrita bastante rígida, pouco fluída e criativa, com as formatações acadêmicas que impediam o sujeito de se mostrar. Escritas que contavam histórias pouco detalhadas, e até tímidas, sem identidade e vibração, mostrando, de certa forma, o peso que este processo escolar-acadêmico traz, até mesmo na hora de escrever sobre as próprias lembranças. Os estudantes relataram essa dificuldade de criar, de imaginar, de inventar, contaram como a experiência de fazer com o corpo todo (na experiência dos encontros-ateliês biográficos) vinha sendo importante para ampliar sua formação estética; afirmavam que, para quebrar certos padrões, ainda havia um longo caminho a percorrer.

Contudo, sendo este um curso que forma professores, que por sua vez, poderá contribuir para ampliar (ou diminuir) processos estéticos das crianças na escola é uma contradição que haja uma preocupação tão diminuta no currículo, no que tange a formação estética dos estudantes de Pedagogia. Afinal, como irão propor a fruição de músicas e renovadas formas de ler o mundo, como oferecer oportunidades de brincar, dançar, imaginar e criar, se no professor essas experiências estiverem adormecidas e silenciadas? Se não desenha, ou se tem vergonha de seu desenho, classificando-o como feio, provavelmente irá classificar também os desenhos das crianças, terá dificuldade em compreender que as produções artísticas infantis são formas de expressão. Como trabalhar com o que não possui ou não cultiva? Especialmente, se não tiver oportunidade de descobrir e compreender a importância da dimensão sensível, artístico e cultural para si e para a educação, no percurso da formação universitária. Segundo os estudantes participantes da pesquisa, as poucas experiências oferecidas nas propostas

curriculares do curso de Pedagogia, que tratam do assunto, estão em espaços de disciplinas optativas, nem sempre acessíveis, por conta de horários, sobretudo.

Palavras finais de um ciclo e abertura para outras reflexões

Participando da presente pesquisa, organizando os dados e analisando seus conteúdos, foi possível entender como o processo escolar, em todos os níveis, tem adormecido corpos, brincadeiras, sensibilidades, criatividade e expressão dos estudantes, mas também como é fundamental abrir espaços para refletir sobre isso e projetar alternativas, no percurso de formação docente. Além disso, ficou evidente os limites do curso de formação de professores, que em seu currículo ainda está bastante aquém na preocupação de propor espaços de experiências estéticas: há poucas oportunidades para fruir arte, para fazer, experimentar, vivenciar de corpo inteiro, com todas as linguagens, não apenas a científica. As narrativas indicam, por outro lado, o papel fundamental que a universidade pode desempenhar como espaço de cultura e como ponte com a cultura e a arte, trabalhando no sentido de reintegração, e potencialização, das linguagens expressivas do futuro professor.

A escrita de si, surgiu como uma forma de dar espaço às vozes e de acolher as vozes na história de cada estudante e, a partir delas, possibilitar a reflexão sobre o que é ser professor, quais dimensões humanas o integram e quais precisam ser resgatadas de volta. A partir de um processo criativo e expressivo livre, o conhecimento de si mesmo foi ampliado e ainda trouxe reflexões sobre o seu futuro. Como afirmam as pesquisadoras-coordenadoras do projeto aqui apresentado:

> A história de vida narrada é, assim, uma mediação de conhecimento de si em sua existencialidade que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre seus diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientaram a sua formação (OSTETTO; BERNARDES, 2019, p. 14).

Ainda que para alguns a experiência de revisitar suas memórias e selecioná-las a fim de colocar no papel e refletir sobre elas, à priore tenha sido desafiadora, os estudantes conseguiram perceber a sua relevância para o processo de formação de educadores, como no exemplo:

> Acredito que todo o educador deve ter essa sede de compreender a si, aquilo que o move, que o transforma, para seu autoconhecimento, para sua própria

> ampliação e para diferenciar as experiências das crianças. (Memorial de Formação Estética, estudante Sara).

Todos os movimentos propostos e suscitados pela pesquisa, já citados anteriormente, baseados no fazer com o corpo todo, mostram o quão importante é que todo a dimensão do ser esteja presente no fazer educacional e como contribuem para o processo de escrita de si, assim como para a reflexão sobre a própria história docente. Os espaços para poesia, desenho, canto, brincadeira, experimentações, criações, devem se manter vivos no dia a dia do professor (ou futuro professor), para que ele se aproprie de referenciais e instrumentais simbólicos que contribuam para que se livre das amarras do medo e do corpo adormecido; para que possa libertar, impulsionar, ampliar, mediar esteticamente toda a sua dimensão criativa e, assim, seguir contribuindo para que estas dimensões não se percam durante o processo escolar das crianças.

Referências

BRASIL. **Resolução Nº 5, de 17 de dezembro de 2009**. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília, DF, 18 dez. 2009. Seção 1, n. 242, p. 18-19. Disponível em: http://www.seduc.ro.gov.br/portal/legislacao/RESCNE005_2009.pdf. Acesso em: 5 out. 2019.

DELORY-MOMBERGER, C. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. **Educação e Pesquisa**. São Paulo: v32, n2, ago, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

OSTETTO, L. E.; BERNARDES, R. K. **Espaços de formação docente: memórias e narrativas estéticas.** Projeto de pesquisa. Universidade Federal Fluminense/ Universidade Federal de Minas Gerais, 2016. (Digitado).

OSTETTO, L. E; BERNARDES, R. K. Infâncias em diários de formação estética: narrativas de estudantes de pedagogia e de arte. **Revista @mbienteeducação**. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 164-180 mai/ago 2019.

PASSEGGI, M. C. Memoriais auto-bio-gráficos: a arte profissional de tecer uma figura pública de si. In: PASSEGGI, M. C.; BARBOSA, T. M. N. (Orgs.). **Memórias, memoriais:** pesquisa e formação docente. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008. p. 27-42.

VECCHI, Vea. **Arte e criatividade em Reggio Emilia**: explorando o papel e a potencialidade do ateliê na educação da primeira infância. São Paulo: Phorte, 2017.